



“A pegada dos sistemas construtivos actuais pode acabar com o planeta”

A arquitectura portuguesa vai ter de responder a questões difíceis “com qualidade” e não “com caridade profissional”, diz o Pritzker de 2016, Alejandro Aravena, que passou pelo Porto para um congresso

Arquitectura Sérgio C. Andrade

A certo momento da conferência com que Alejandro Aravena encerrou na quarta-feira, no Porto, um congresso sobre habitação social, no ecrã da Sala Suggia um desenho de criança representava em traço *naïf* e colorido uma casa incompleta com a seguinte legenda: “A parte que o meu pai constrói.” A referida criança tanto podia ser habitante da Quinta Monroy (2002-04), complexo de uma centena de casas construído em Iquique, no Norte do Chile, como da Villa Verde (2010-13), um bairro com 484 casas em Constitución, ambos projectados pelo escritório Elemental, que Aravena fundou com cinco outros sócios no ano 2000.

Na sua simplicidade, aquele desenho encerra todo o programa para habitação social deste arquitecto chileno distinguido com o prémio Pritzker em 2016, e que o próprio apresentou com grande detalhe na Casa da Música. “O papel do arquitecto é encontrar uma forma de construir rapidamente e através de um sistema aberto que convoque os próprios habitantes para serem parte da solução e não do problema”, explicou ao PÚBLICO no final da conferência.

A convocação dos próprios moradores para participarem na construção e na finalização das suas casas é, de resto, uma marca do programa que Aravena vem defendendo, e praticando, para minimizar as carências de habitação no seu país: se o dinheiro não chega para fazer uma casa de 80 metros quadrados, começa-se por uma com metade da área, deixando que ela seja completada pelos moradores quando tiverem dinheiro e condições para tal. Como o arquitecto ilustrou no Porto, “é melhor construir meia casa de qualidade do que uma casa mais pequena sem qualidade”; foi com essa fórmula que o Elemental encontrou uma alternativa às favelas em que os habitantes de Iquique e Constitución viviam.

“The right (left) to housing?”, título da conferência com que Aravena fechou o congresso internacional promovido pela Faculdade de Arquitec-



Alejandro Aravena está a projectar o edifício que completará a sede da EDP em Lisboa

tura da Universidade do Porto, sintetizava já a sua visão. Mais do que pensar e debater o direito à habitação, trata-se de construir, de responder às necessidades das populações numa área que “está ainda na periferia da arquitectura”. Dito de outro modo, que caracteriza também o trabalho do seu escritório sediado em Santiago do Chile: trata-se de fazer, mais do que pensar – o Elemental é um “do tank”, em vez de um “think tank”.

A intervenção de Aravena foi rematada pelo encerramento formal do congresso, a cargo de Rui Ramos,

“No Chile, onde temos um PIB per capita de 22 mil dólares – aqui é de 24 mil –, sempre vimos Portugal como um modelo possível”, diz Alejandro Aravena

coordenador do projecto Mapa da Arquitectura, que fez o levantamento da produção de arquitectura habitacional em Portugal apoiada pelo Estado entre a implantação da República (1910) e o 25 de Abril de 1974.

O Chile como laboratório

No final da conferência, Aravena explicou ao PÚBLICO que o trabalho do Elemental no Chile, no domínio da habitação social, sempre foi pensado como “um laboratório”. “Lá, temos de trabalhar com recursos do terceiro mundo, mas encontrando soluções com um *standard* de qualidade do primeiro mundo”, diz. E estabelece mesmo uma relação com Portugal. “No Chile, onde temos um PIB *per capita* de 22 mil dólares – aqui acho que é de 24 mil dólares –, sempre vimos Portugal e a sua economia como um modelo possível: embora tendo de trabalhar com recursos limitados, o *standard* é europeu.”

Aravena realça, no entanto, que a principal diferença entre o seu país e a Europa está na “iniquidade da distribuição da riqueza”: “No Chile, um país com quatro milhões de famílias

e 17 milhões de habitantes, se tirarmos as mil famílias mais ricas, os 22 mil dólares *per capita* baixam para dez mil, e essa é também a grande diferença relativamente a Portugal. Sabemos como superar a pobreza, o que não sabemos é como diminuir a distância entre os ricos e os pobres, e é isso que gera os problemas.”

Mas qual é o papel da arquitectura na crise global que ensombra o planeta? Aravena vê nas migrações e nos problemas da habitação “uma bomba-relógio”, tanto do ponto de vista social como político. “Se não acompanhar essa velocidade, a pegada ecológica dos sistemas construtivos actuais vai acabar com o planeta. Além de que as mudanças climáticas produzem também conflitos sociais”, refere. E prevê que a actual distância entre *high tech* e *low tech* venha a extremar-se, transformando-se “numa equação entre *über tech* e *no tech*”. Uma possibilidade é “usar a maior capacidade tecnológica para gastar o menos material possível”. Outra é regressar aos materiais básicos, a terra, o bambu, o tijolo, a argamassa, esses “sistemas espontâneos que sempre existiram,

mas que a indústria substituiu”. “Vamos ter de voltar a usá-los, porque eles permitem que as comunidades façam por si mesmas, e têm uma pegada ecológica baixa”, diz o arquitecto, lembrando, no entanto, a necessidade de se mudar simultaneamente a legislação de forma a encorajar a incorporação desses materiais nos modelos de construção.

Evitar a “caridade”

Alejandro Aravena conhece de perto a arquitectura portuguesa, e logo no início da conferência falou da qualidade dela como “um caso à parte” no contexto internacional. Lembrou, a propósito, que quando foi comissário da Bienal de Arquitectura de Veneza em 2016 incluiu trabalhos de dez arquitectos portugueses num total de 80 projectos seleccionados – “mais de 10%”.

Ao PÚBLICO, além de Siza e Souto de Moura, citou os nomes de Inês Lobo, de Paulo David, do atelier Menos É Mais (Cristina Guedes e Francisco Vieira de Campos). E disse que, no futuro, os arquitectos portugueses vão ter de responder a novas questões difíceis “com qualidade e não com caridade profissional”, e com “capacidade de síntese”.

É com essa capacidade de síntese que Aravena e o Elemental vêm respondendo. Um caminho que a atribuição do Pritzker, em 2016, veio de algum modo facilitar. “No nosso escritório, fizemos a escolha estratégica de ter o menor tamanho possível. Nem sempre conseguimos, porque também temos de ter um tamanho suficientemente grande para responder a perguntas complexas”, diz, referindo no entanto que o prémio americano lhe veio conferir uma “grande liberdade”. “Permitiu-nos poupar muita energia e dedicá-la a responder mais às perguntas do que ao cliente. Escolhemos os projectos que são um desafio profissional”, nota.

No seu caderno de encargos actual, Aravena continua a ter o edifício que vai completar a sede da EDP em Lisboa. Não sabe ainda se poderá ficar pronto em 2020: “Vai depender das construtoras.”

sandrade@publico.pt